

O AVANÇO DA ONDA CONSERVADORA MUNDIAL E O NEGACIONISMO AMBIENTAL: APROXIMAÇÕES ENTRE TRUMP, BOLSONARO E MILEI

Elizandra Garcia da Silva¹

Tatiane Garcia da Silva²

Ingrid Lourenço de Amorim Corrêa³

Giovanna Mozart de Souza Silva⁴

Monique Marçal Grossi⁵

Samuel Luís Santos⁶

Resumo: Pesquisar o negacionismo ambiental, alicerçado ao avanço do conservadorismo mundial, e no contexto das trágicas mudanças climáticas atuais urge como necessidade primeva entre nós, que além de acreditarmos e fazermos ciência, envidamos esforços no sentido de oferecermos instrumental de transformação da realidade. Assim, objetivamos analisar as posições políticas, conservadoras e negacionistas, conferidas pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e atuais presidentes dos Estados Unidos da América, Donald Trump e da Argentina, Javier Milei, acerca das questões climáticas de seus respectivos países. Metodologicamente realizamos uma leitura crítica e ancorada na pesquisa bibliográfica e na história comparada.

Palavras-chave: Avanço Conservador; Negacionismo Ambiental; Donald Trump; Jair Bolsonaro; Javier Milei.

¹Instituto de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: elizandragarcia@hotmail.com, Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1822479471813746>

²Universidade Federal da Fronteira Sul. E-mail: tati.garcia.veterinaria@gmail.com

Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4858872021307256>

³Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: ingridamorim@id.uff.br. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3744939432797371>

⁴Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: giovannamozart@id.uff.br. Link para o Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6335994688684483>

⁵Mestrado em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

E-mail: moniquegrossi0@gmail.com. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7337518399047198>

⁶Licenciado em Educação Física pelo Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense.

E-mail: samuelluissantos@gmail.com. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8359725035316344>

Abstract: Researching environmental denial, rooted in the advance of global conservatism, within the context of the current tragic climate changes, emerges as a primary necessity among us, who not only believe in and conduct science but also strive to provide tools for transforming reality. Thus, we aim to analyze the conservative and denialist political positions held by the former president of Brazil, Jair Bolsonaro, and the current presidents of the United States of America, Donald Trump, and Argentina, Javier Milei, regarding the climate issues of their respective countries. Methodologically, we conduct a critical reading anchored in bibliographic research and comparative history.

Keywords: Conservative Advance; Environmental Denial; Donald Trump; Jair Bolsonaro; Javier Milei.

Introdução

O objetivo desse estudo é analisar as posições políticas, conservadoras e negacionistas, conferidas pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e dos atuais presidentes dos Estados Unidos da América/EUA, Donald Trump, e da Argentina, Javier Milei, acerca das questões climáticas de seus respectivos países.

Entendemos que, para compreendermos as defesas de políticas conservadoras e negacionistas, empreendidas pelo ex e atual presidente da Argentina, precisamos nos embrenhar para além da ocorrência desse fenômeno, situado geograficamente nos países Americano e Latino-americanos, e buscar a essência dos mesmos.

Nesse sentido buscamos apreender esse fenômeno no contexto do avanço conservador⁷ em nível mundial, buscando evidenciar como essas políticas negacionistas, e em particular no referente às questões climáticas, têm contribuído para invisibilizar os resultados nefastos do avanço predatório da exploração do capital, em especial sobre a natureza, que a cada dia dá mais evidências de esgotamento de suas forças, podendo ser exemplificado pela tragédia em curso no Rio Grande do Sul.

Impossibilitados de realizar uma análise do avanço do conservadorismo desde seus primórdios; como reação aos ocorridos após a Revolução Francesa (Silva, 2000) — optamos por um breve recorte histórico a partir de 2016, quando Donald Trump ganha as eleições presidenciais nos Estados Unidos da América, impulsionando as posições conservadoras em todo o mundo, em especial para esse estudo o Brasil, com o golpe da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, seguida da vitória eleitoral do presidente Jair Bolsonaro, em 2017, e a Argentina, com o presidente Javier Milei, a partir de 2023 e até a atualidade.

⁷ Tratamos por avanço conservador, realizando trocadilhos, durante as análises, entre o avanço como uma **onda**, mundial, com os fenômenos que ocorrem com a **onda marítima**, por isso destacamos alguns termos no decorrer do manuscrito. Entendemos que o conservadorismo permaneceu existindo, desde o século XIX e perpassando pelos anos subsequentes. Cunhamos conservador ou conservadorismo, de forma generalista, e, sugerimos os estudos de Alex Catharino, disponível em [A História do Conservadorismo Brasileiro - Burke Instituto](#), acessado em 29 de maio de 2024, para o aprofundamento da questão em tela.

Apesar do recorte histórico apresentado, propositura de análises a partir do avanço conservador com Trump, em 2016, entendemos que a montagem desse cenário político foi sendo realizada nas décadas precedentes, emergente da necessidade do sistema capitalista, em crise, em aprofundar e ampliar a exploração sobre as forças produtivas, em especial para esse estudo a natureza, com vias a recuperar suas taxas de acumulação, em queda desde a crise da década de 1970 e que encontraram no conservadorismo e negacionismo formas de canalizar essa necessidade (Silva *et al.* 2022).

A crise do capital de 1970 se alastra pelas décadas subsequentes e impulsiona que o sistema capitalista opere amplas e profundas transformações na produção e na função do Estado, grafadas nos estudos de Antunes (1995) por reestruturação produtiva e ajustes estruturais. Ambas as transformações incidem diretamente sobre as questões ambientais: as mudanças na produção que imprimiram maior e mais ampla exploração, inclusive dos recursos naturais, exploração tornada predatória, segundo estudos de Silva (*et al.* 2022), e também, a medida em que diminui a participação do Estado na manutenção de suas funções públicas toda a sociedade, e em particular a natureza, é afetada.

Radicado nessas questões conjunturais do sistema do capital, ocorridos na década de 1970, estudos como os de Miguel (2022), dataram nesse período, nos Estados Unidos, o aparecimento do negacionismo climático. Baseado em uma ampla revisão, Miguel (2022, p. 296-297) afirmou que, naquela década, o negacionismo climático já “[...] representava uma luta que reunia um conjunto de enunciados, práticas, interesses e elementos de diferentes naturezas que se associaram contra a ciência do aquecimento global [...]”.

Seguindo suas análises, Miguel (2022) traz à baila os estudos de Naomi Oreskes e Erik Conway (2010, p. 249), carregados de compreensões importantes acerca dos desprendimentos das ações dos negacionistas climáticos norte-americanos, para as duas décadas subsequentes, e no contexto das contribuições desse negacionismo às questões econômicas daquele país, em particular ligadas ao petróleo, motivação da crise de 1970. Nas palavras de Miguel (2022, p. 296-297- grifos do autor) os negacionistas climáticos

[...] enfatizam que a contestação do aquecimento global trazia, por um lado, um certo “fundamentalismo de livre-mercado”, por outro, promovia uma “caçada aos ambientalistas” caracterizados como “comunistas disfarçados”. Naquele contexto, a possibilidade de governamentalização climática por meio do controle das emissões relacionadas à queima de combustíveis fósseis representava um risco aos negócios de grandes corporações do petróleo, como a Exxon Mobile, e de conglomerados como a Koch Industries (Hoggan, 2009). Essas corporações financiaram think tanks liberais como o Marshall Institute, Heartland Institute e o Cato Institute para organizar uma frente de cientistas para produzir trabalhos que negavam a cientificidade da ciência das mudanças climáticas.

E, nesse mesmo contexto de crise do capital, analisamos que as posições políticas conservadoras e negacionistas tem contribuído com ambas transformações tratadas anteriormente por Antunes (1995), na reestruturação da produção e ajustes no Estado, em especial para esse estudo as veiculadas às questões climáticas.

Com vias às análises das políticas conservadoras de Trump, Bolsonaro e Milei acerca das questões climáticas, nos utilizamos da metodologia da história comparada sendo o triplo campo de observação os EUA, de 2017 a 2021 e atualmente, o Brasil, de 2019 a 2022 e a Argentina, de 2023 até a atualidade.

Ainda no constructo dessa abordagem metodológica, a história comparada, respondendo aos questionamentos de Barros (2007, p. 02), acerca de “o que observar?”, nos atemos às posições políticas conservadoras acerca da negação das questões climáticas, incorporado por esse estudo a categoria negacionismo climático, que seria a “comparável” dentro dos três locais de observação, EUA, Brasil e Argentina, e nos três mandatos, de Trump, Bolsonaro e Milei (Miguel, 2022).

E, referente a indagação “como observar?” buscamos no *Google Acadêmico e Google*⁸, a partir dos termos “conservadorismo/política conservadora, negacionismo e negacionismo climático”, combinadas com os nomes de um ou de outro dos ex e atuais presidentes. A partir das fontes encontradas, realizamos a leitura e fichamento dos textos, constituídos tanto de artigos científicos com análises depuradas acerca do temário, mas também veiculadas pelo jornalismo, sobre as quais alçamos algumas análises e que, neste manuscrito, nos legam embasamento.

E, sobre “como tratar os resultados observados?” — (Barros, 2007, p. 03) — empreendemos análises pautadas na dialética marxista, (Tonet, 2018), registrando aproximações e distanciamentos entre as posições, do ex e atuais presidentes, e o contexto mais amplo do avanço conservador, em nível mundial, e estabelecendo nexos entre esse avanço conservador, e, em particular, como as posições negacionistas sobre as mudanças climáticas, defendidas pelo trio de administradores das nações em tela, permitiu e permite suprir necessidades do sistema capitalista, em crise, em ampliar e aprofundar suas formas de exploração da natureza.

Apresentamos esse manuscrito sistematizado em três (3) partes; iniciamos com as questões introdutórias, adentramos às análises das políticas conservadoras e de negacionismo climático no bojo dos mandatos de Donald Trump, Jair Bolsonaro e de Javier Milei, tecemos algumas considerações e citamos as referências em que nos ancoramos.

⁸ Essa opção se constitui em alternativa possível, em termos metodológicos, pois até o momento da conclusão desse manuscrito não havia produções sítadas no *Google Acadêmico* a partir das comparáveis elencadas, em especial em combinação com o sobrenome de Javier Milei, então presidente da Argentina.

A onda do avanço conservador mundial e o negacionismo climático de Trump, Bolsonaro e Milei no contexto da sociedade do capital

Introdutoriamente já anunciamos a realização do recorte temporal acerca do conservadorismo mundial a partir da primeira vitória de Donald Trump, nos EUA, em 2016, que, em nossa leitura, representa uma **onda**, que, desde então, tem se **avolumado**, em nível mundial.

Sendo considerado o avanço do conservadorismo mundial, que vêm **ressonando** por todo o mundo, via Donald Trump, vale destacar os estudos de Francisco (2024) ao qualificar o presidente como salvaguardista das posições políticas conservadoras defendidas por Ronald Reagan, durante a década de 1980, momento de intensificação dos esforços do capital para saída da crise da década anterior, mais especificamente a crise do petróleo, que afetou diretamente o coração do capitalismo, os EUA.

Para Francisco (2024), com a defesa dessa política, Trump **alinhou as energias** das camadas nacionais mais conservadoras para as urnas, elevando a altura da **onda** conservadora americana e lhe conferindo a vitória e mandato, de 2017 a 2021. Os estudos de Francisco (2024, p. 03), baseados em Burke, um clássico nos estudos acerca do conservadorismo, resgataram que o

[...] conservadorismo se baseia em características como a descrença na razão como guia; compreensão da sociedade como organismo vivo, impossibilitando a transferência de experiências históricas; e uma aversão a mudanças abruptas [...]

Ao envidar seus esforços à compreensão desde os clássicos do pensamento conservador, Francisco (2024, p. 05) encontrou em Kirk (1978) os principais fundamentos desse modo de pensar, denominado por este autor (1978) de cânones do pensamento conservador, quais sejam:

a) a existência de uma ordem transcendente, em que os problemas políticos são religiosos e morais; b) entendimento da condição de mistério da existência humana e suas diferenças, opondo ao pensamento igualitário dos liberais; c) existência de uma sociedade constituída de ordens e classes, buscando reforçar as desigualdades, que só não existem perante os tribunais de justiça e o julgamento divino. d) liberdade e propriedade estão ligadas ao progresso econômico; e) crença nos costumes, na convenção e no consagrado para frear as tendências inovadoras do ser humano, que são acompanhadas de um impulso anárquico; f) reconhecer que as mudanças devem ser realizadas pelos estadistas a partir da preservação, sem precipitações.

E, no bojo do conservadorismo, podemos citar as políticas negacionistas, entendido aqui “o negacionismo como atitude, tendência ou movimento que recusa fatos históricos ou evidências científicas [...]”, cumprindo assim com a **propagação da onda** conservadora, da vigência das políticas neoliberais, da continuidade da exploração predatória das forças produtivas e do capitalismo enquanto base do modo de produção social (Silva, 2021, p. 285).

Essa descrença na razão, e, muito para além dela, a negação e o anticientificismo, são latentes nas políticas do governo de Donald Trump, desde seu primeiro mandato, e, em particular, em posições emergentes desde a teoria da evolução, do terraplanismo, negação da vacina e de medidas protetivas em saúde, dentre outras. Os estudos de Silva (2021) evidenciaram que as primeiras posições governamentais negacionistas de Trump se expressaram justamente sobre as mudanças climáticas e as políticas ambientais, se **espraiando** para outros setores, em especial em decorrência da pandemia de Covid-19.

Diante desse contexto, estudos situam o papel das mídias e da tecnologia de informação na propagação do negacionismo, proferido por Trump, bem como a incorporação desses discursos produzidos, por grande parte da população (Silva, 2021). Por outro lado, os dados científicos passaram a ser também invisibilizados por uma “[...] prática sistemática de censura de informações”, crescente em exponencial desde 2016. A esse conjunto de propagação sobre o tema das mudanças ambientais Aguiar, Monteiro e Batista (2022, p. 60) denominaram de “desinformação” e “negacionismo climático”, categorias que adotamos para as análises deste estudo por fundamentar o entendimento de que o negacionismo climático se contrapõe a histórica e ascendente existência de transformações e fenômenos climáticos que tem proporcionado danos à natureza e à humanidade.

“Os termos” “desinformação e negacionismo climático” remetem à negação das mudanças climáticas, como se as diversas transformações observadas nos fenômenos climáticos não fossem reais e não existissem” (Aguiar; Monteiro; Batista, 2022, p. 60 — grifo dos autores). Mas como os autores mesmo reconhecem, essa é apenas uma forma de desinformação, dentre outras, situadas por eles na esfera econômica, política, ambiental e ética-moral e são acessadas para desinformar acerca das mudanças climáticas.

Surfando na desinformação e no negacionismo climático, desde a campanha à presidência, Trump já se posicionava contra a existência do aquecimento global⁹, chegando a considerá-lo uma farsa, “[...] inventada pela China para prejudicar a indústria americana” (Shirts, 2024, n.p.). Na mesma esteira observada por Shirts (2024), Silva (2021) já havia estabelecido nexos entre o discurso presidencial, de que a agenda climática para os EUA, impunha restrições às questões de energética, com consequências diretas nos postos de empregos e na economia, buscando com essas desinformações seguir **adensando** seus seguidores às suas posições negacionistas e conservadoras.

⁹ Vale destacar que um dos causadores desse aquecimento é a queima de combustíveis fósseis, cujos extratores possuem ligação política direta com Trump (Silva, 2021).

Após assumir a presidência, em 2017, Trump e sua administração, mantiveram suas posições negacionistas à pesquisa científica, à ciência e aos cientistas e seu papel nas políticas governamentais. Para Silva (2021, p. 287) “Isso ocorreu nas áreas em que a pesquisa contradizia suas visões ou que obstaculizavam sua agenda de desregulação, especificamente as informações e os estudos relacionados às mudanças climáticas.”

Essa **grande onda** que estava se formando durante o mandato foi fagocitando outros obstáculos, como a destituição de ocupantes de setores estratégicos do governo e novas nomeações, de seus partidários e simpatizantes, relacionado ao objeto de estudo desse escrito, no âmbito ambiental, a nomeação de

[...] Scott Pruitt para a Agência de Proteção Ambiental (*Environmental Protection Agency – EPA*), que avançou no processo de desregulamentação com o enfraquecimento das regras para poluição, padrões de segurança trabalhista e meio ambiente [...] (Silva, 2021, p. 286-7).

De forma mais enfática, logo em sequência, o presidente retirou o EUA, em 2017, do Acordo de Paris, considerado por Shirts (2024, n.p.) como um “[...] acordo histórico das Nações Unidas contra o aquecimento global (celebrado por 195 países, em dezembro de 2015) [...]” o que consideramos ter **reverberado** nas políticas de seus seguidores, conservadores, como em particular no mandato do ex-presidente brasileiro, Jair Bolsonaro.

Discordamos de Silva (2021, p.286) quando a autora afirma que tal Acordo “[...] representa um compromisso para a ação que, ao incidir sobre modos de vida, padrões de consumo, concepções de mundo e sociedade, terá impactos sobre muitos setores econômicos e interesses políticos.”, pois, diferente da autora entendemos que precisamos radicar o problema da transformação climática onde ele se desencadeia: na exploração predatória da natureza e de seus recursos. Portanto, defendemos que, somente a transformação no modo de produção capitalista e substituição por uma forma de produção e reprodução da existência humana não baseada na exploração, em especial a exploração predatória da natureza, que levam a seus sinais mais amplos de esgotamento (Silva *et al.* 2022).

Por outro lado, concordamos com Silva (2021, p. 286) em seus posicionamentos de que a saída de Trump do Acordo de Paris vai além do questionamento do conhecimento científico que sinaliza para a necessidade de proteção climática e desemboca num movimento de aprofundamento na implementação de políticas neoliberais a medida em que vai retirando o país americano da manutenção de suas políticas públicas referentes à preservação ambiental, nas palavras da autora

Trata-se, por conseguinte, não só de questionamento de teses ou conhecimento científico que fundamentam a agenda da proteção climática, mas, principalmente, de um movimento de solapamento de políticas públicas baseadas em evidências, de desregulação e de redução do investimento público em programas e pesquisa para desmontar práticas de preservação ambiental (Silva, 2021, p. 286).

A propagandização e aplicação das políticas conservadoras e negacionistas de Trump adentraram à pandemia, período em que as urgências em saúde pública estiveram envidadas para as medidas protetivas à vida e desenvolvimento de vacinas, ignoradas e negadas pelo então presidente. O agravamento da crise do capital imposto pela Covid-19, conjugados ao negacionismo de Trump frente a pandemia e ao resultado letal sobre a população americana desgastou o governo. Silva (2021) também chamou a atenção para a resistência de uma grande parte da população do país e movimentos sociais pelo mundo que protestaram contra o presidente e o levaram a derrota nas urnas, em 2020.

Apesar da derrota nas urnas a administração Trump reestabeleceu uma **onda** conservadora mundial que encontrou no Brasil uma conjuntura favorável para seu crescimento em **cristas** cada vez maiores. Politicamente destacamos o Golpe a presidenta Dilma Rousseff, em 2016, seguida pelo mandato temporário de Temer e vitória de Jair Messias Bolsonaro, em 2018, como fenômenos políticos importantes para a compreensão de como o Brasil executou um excelente **tubo** no interior dessa **onda** reacionária (Coggiola, 2016).

Diante do recorte histórico posto acima concordamos com Miguel (2022, p. 295) de que, o negacionismo e o negacionismo climático, no interior dessa **onda** conservadora e reacionária mundial, “[...] diz respeito não só às políticas climáticas e ambientais, mas a um espectro mais amplo e distribuído de exercício do poder da direita conservadora na conjuntura política recente do país.”

No sentido dos estudos de Miguel (2022) buscamos trazer alguns elementos que nos servem como sustentáculo de nossas análises de que o negacionismo climático tem raízes no avanço conservador e de direita, conforme apregoou o autor, e também no empreendimento de ataques exploratórios ainda maiores e mais profundos aos recursos naturais nacionais em nome da recuperação das taxas de lucro e salvacionismo do capitalismo mundial, em crise.

Para tais análises, perfilados aos estudos de Silva e Castro (2023, p. 04,) em especial nas leituras das autoras, ancoradas em Coggiola (2016), partimos da leitura de que o golpe da presidenta Dilma, via *impeachment*, foi uma culminância de um processo, lento, e se deu num momento de profunda crise mundial do capital, cedente por mais exploração e opressão no intuito de recuperação de sua

acumulação, estimado e galgado por Temer e Bolsonaro¹⁰. Referindo-se aos interesses do capital, Braz (2017, p. 87-88) afirmou que este,

[...] agora precisavam de um governo genuinamente burguês, capaz de não ceder o mínimo aos trabalhadores, de lhes retirar o pouco que conquistaram e de servir inteiramente, sem concessões, ao grande capital. O pacto de classes já não mais prestava.

Ou seja, não interessava mais ao capital um governo de cooperação/conciliação de classes ou nem mesmo exalante de ares democráticos.

Destacamos, de Silva e Castro (2023, p. 04), que em suas alusões desse processo lento ao cozimento de um prato, que quando servido em 2016, teve como justificativas das posições políticas dos 55 senadores as “evidências”, o que já anunciava um avanço do conservadorismo e da negação da ciência, nas palavras das autoras

À mesa desse banquete, na plenária do Senado, realizada em 11 de maio de 2016, 55 senadores se fartaram e, baseados em suas “evidências” votando sim, contra apenas 22 que se posicionaram contra a destituição da presidenta Dilma (Jardim, 2016, p. 18). Diante desse fato político houveram distintos posicionamentos, da população e de entidades e movimentos organizados, em nível nacional e internacional. (Silva; Castro, 2023, p. 04).

Desferido o golpe, as análises de Dantas e Reis (2024, n.p.) qualificam o primeiro ano do presidente Michel Temer, por uma “[...] guinada conservadora que se apoia no alinhamento do Congresso”, esse mesmo que, num quantitativo de 55 senadores, baseados em suas “evidências”, foram favoráveis (Silva; Castro, 2023, p. 04).

Assim como Silva e Castro (2023), Dantas (2024, n.p.) enfatizou o contexto problemático em que se encontrava o Brasil em 2016, pontuando a economia, a política, o jurídico e a legitimidade, e afirmou a necessidade de um governo como Temer, “[...] que dialoga com setores mais tradicionais da sociedade, com semblante mais conservador.” E Reis (2024, n.p.) complementou

¹⁰ Infelizmente não será possível detalhar as análises necessárias a essa compreensão devido aos objetivos pretendidos por esse estudo. Para tal indicamos leitura de COGGIOLA, Osvaldo. Impeachment, crise e golpe: o Brasil no palco da tormenta mundial. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/31/impeachment-crise-e-golpe-o-brasil-no-palco-da-tormenta-mundial/>. Acesso em: 26 jan. 2023. E, JARDIM, Afrânio Silva. O significado técnico da expressão “julgamento jurídico e político do impeachment” do Presidente da República. In: PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson (org.). **A resistência ao golpe de 2016**. Bauru: Canal 6, 2016.

Ele está realizando algo que apenas um governo ilegítimo, que ascendeu por meio de golpe de Estado e que não tem comprometimento com o voto popular, poderia. A Constituição cidadã de 1988 foi atropelada no impeachment sem crime de responsabilidade e seus preceitos vêm sendo desmantelados aceleradamente [...]

Destacada a conjuntura, internacional, com o avanço da **onda** conservadora e negacionista, desde o **Atlântico e Pacífico Norte**, e, brasileiro, **Atlântico Sul**, de um golpe a presidenta, eleita democraticamente e assunção de um governo temporário e cumpridor, a risca, da agenda do capital, com ataques profundos a conquistas históricas da classe trabalhadora, somados a outros fenômenos, carentes de aprofundamento, como a ida para as ruas, em junho de 2013, **surfando no levante** da juventude daquele ano, de um movimento conservador e reacionário, que em meio as legítimas lutas pelo passe livre e outras, se infiltraram com as bandeiras de fechamento do Congresso Nacional e volta da ditadura militar, o que foi se **avolumando**, nos anos que se seguiram, encontrando seu **pico**, seu **ponto mais alto** com as eleições de Jair Bolsonaro (Singer, 2013). Conforme afirmaram os estudos de Silva, Penna e Rebelatto (2019, p. 02):

[...] somado aos tons sombrios da crise do capital vivemos, em tons verde e amarelo, uma onda conservadora, de inspiração mundial, em especial nos tons vermelho, azul e branco e com algumas estrelas num canto esquerdo qualquer ou com um certo bigode centralizado abaixo do nariz. Essa inspiração tem borrado cada vez mais o verde amarelo com o vermelho sangue; exploração, opressão, destruição da natureza [...]

Assim como Trump, desde a campanha presidencial ao primeiro governo, Jair Bolsonaro já deixava bastante explícito seu posicionamento político conservador e negacionista; o que se **reverberou** durante todo o exercício de seu mandato. No tangente as questões climáticas, o *start* não partiu de Bolsonaro, mas de um de seus mentores intelectuais, em 2007, Olavo de Carvalho, que, segundo Miguel (2022, p. 298) defendeu “[...] um dos primeiros registros do negacionismo climático na mídia nacional, Carvalho afirmava que tudo se tratava de uma “trapaça” e associava o aquecimento global a uma “militância esquerdista” [...]” (grifos do autor).

Seguindo seus mentores, e se aproximando das ações trumpistas, Bolsonaro inaugurou sua gestão extinguindo à Secretaria de Mudanças Climáticas e Florestas, do Ministério do Meio Ambiente/MMA, atitude considerada por Miguel (2022, 293) como “[...] ato primeiro de uma sequência de ataques às instituições ambientais, científicas e não governamentais do país”, que, além de literalmente

abrir caminhos para ampliar e aprofundar¹¹ a exploração da natureza, em todo território nacional, contribui para os ajustes estatais, em curso desde a década de 1990, com as políticas neoliberais.

Alicerçado em seus mentores, Bolsonaro, ao longo de sua história na política, vem arrebanhando seguidores, em especial os do agronegócio, que tem sido contundentes em campanhas, livremente propagadas, nas mais variadas mídias, e efetivas, em especial no convencimento de pequenos proprietários de terras, dos benefícios do agro, que é “*pop, tech e tudo*” (Cardoso; Souza; Reis, 2019, p. 837).

Essa desinformação, levada à ampla maioria da população nacional, corrobora com o negacionismo ambiental ao invisibilizar os danos à natureza desse agro predatório e sem limites. Mesmo não sendo um dos focos essenciais a esse estudo vale registrar a assertiva de que

Assim, ele não pode ser pop, pois promove a concentração de terra, seguida da violência no campo; não pode ser tech, quando sua produção se sustenta no uso de agrotóxicos que, contraditoriamente, provoca doenças; não é tudo, uma vez que o alimento, condição básica de existência, é transformado em commodities e passa a ser concentrado por um pequeno número de empresas (Cardoso; Souza; Reis, 2019, p. 837).

Ainda na esteira negacionista consideramos importante, inclusive ao fluxo das políticas do agro, a nomeação de Ricardo Salles, por Bolsonaro, aproximando-se aos atos trumpistas em nomear seus aliados conservadores, enquanto ministro do Meio Ambiente, cargo que exerceu, sob os auspícios conservadores e negacionistas, e, portanto, a favor do avanço da exploração do capital em nível nacional, de 2019 a 2021.

O então ministro, amparando-se no fato de que toda a atenção do mundo estava sob a pandemia do COVID-19, aprovou, em 12 meses, um conjunto de 721 medidas na área da política de clima e de meio ambiente nacional. Gussen (2021, n.p.) sistematizou essas medidas em “[...] 76 reformas institucionais, 36 medidas de deserda política 36 revisões de regras, 34 de flexibilização, 22 de desregulação e 20 revogações [...]”.

Como consequências, imediatas, houve aumento do desmatamento e de focos de incêndio e avanço do garimpo sobre as terras indígenas, além dos inúmeros conflitos entre esse avanço permissivo da nova legislação e a resistência dos povos tradicionais, ribeirinhos, agricultores assentados ou sem terras. Segundo a autora “O desmonte da fiscalização, do orçamento e das normas na área

¹¹ Tratamos pelos termos de ampliar e aprofundar por inserirmos na invasão do Brasil os atos primários de tal exploração e que foram se desenvolvendo historicamente. Além disso, no âmbito da gestão nacional o tema da ampliação e aprofundamento da exploração da natureza sempre foi latente, em especial, fundado em distintas concepções de natureza e de sua dominação, sendo importante nesse estudo o avanço da bancada agrária/rural, da década de 1990 e até a atualidade (Miguel, 2022).

ambiental teve como consequência [...] um aumento de 216% no desmatamento [...] o avanço do garimpo sobre terras indígenas e 12% de aumento nos focos de incêndio” (Gussen, 2021, n.p.).

Dentre as justificativas, negacionistas, propagadas por Salles e seus seguidores, pode ser exemplificada pela reunião de Flávio Bolsonaro, Marcio Bittar e Salles, para tratar do projeto de lei 2362/2019, “[...] que propõe acabar com a reserva legal, área do imóvel rural que, segundo o Código Florestal, não pode ser desmatada”. Reunião em que concordaram que “[...] a reserva legal impede a expansão do agronegócio [...]” sobretudo, nos estados da Amazônia Legal (Baptista, 2019, n.p.).

Argumento, sem lastro científico, de que a preservação de espaços naturais, em seu *modus* mais orgânico, atrapalha o desenvolvimento econômico, assim como também justificou Donald Trump. Sendo paralelo entre ambos a ancoragem em estudiosos anticiência para lhes auxiliar em suas argumentações públicas e assim buscar legitimidade entre suas bases sustentatórias.

No referente aos ajustes do Estado brasileiro em suas responsabilidades com o meio ambiente os estudos de Miguel (2022, p. 312) destacaram dois:

[...] a paralisação do Fundo Clima, em 2019, destinado a ambiente, projetos voltados às ações de mudanças climáticas e, em 2020, o Observatório do Clima concluiu que o Ministério do Meio Ambiente não havia gastado nem 1% do dinheiro destinado a programas de preservação naquele ano. Exemplos que nos mostram como o negacionismo climático não é apenas uma forma de discurso ou de desinformação, mas uma estratégia histórica complexa de impedimento da governamentalização ambiental.

Em que pese a derrota nas urnas a leitura que registramos nesse manuscrito é de que a **onda** conservadora mundial, emanada especialmente com a primeira vitória de Donald Trump, encontrou em Bolsonaro notória **reverberação** que seguirá posta em movimento pelos adeptos de tal política, **pequenos pingos**, dantes **asperges**, mas que, durante e após os quatro anos de governo, se **congregam** em uma **onda** nacional expressiva e preocupante a todos nós que ousamos lutar e fazer ciência.

Ao voltarmos nossos esforços à compreensão da **vibração da onda** conservadora na Argentina nos coube registrar que, aplicados os critérios de busca por artigos científicos, combinando os termos conservadorismo/política conservadora, negacionismo e negacionismo climático com Milei, os achados permaneceram veiculados em matérias jornalísticas, sob as quais buscamos lançar olhar crítico e reflexivo, e que entendemos, e, portanto, registramos aqui, estar em constante movimento; sujeitas a mudanças.

Perseguindo a comparável conservadorismo, ou política conservadora, no contexto de nossos hermanos argentinos, Svampa (2024, n.p.) nos fornece elementos para a análise de que a vitória eleitoral de Javier Milei está inserida

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 99-116, 2025.

“[...] em um quadro global de expansão da extrema-direita [...]. Assim, a direita mais conservadora garantiu o triunfo eleitoral de Javier Milei [...]”, com aproximações às análises deste manuscrito acerca das vitórias eleitorais de Trump e Bolsonaro, como a própria autora avalia, no decorrer de seus escritos;

Javier Milei reproduz em chave vernácula o que está escrito atualmente na cartilha dos populismos de direita, de Benjamin Netanyahu em Israel, Viktor Orban na Hungria, Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos, entre outros, que usam as ferramentas eleitorais da democracia para pulverizar a estrutura institucional republicana e corroer ainda mais os valores democráticos em declínio (Svampa, 2024, n.p.).

Alinhado a Trump e Bolsonaro, Milei tem implementado na Argentina suas promessas de campanha, em especial a de retirada do Estado de suas funções sociais, “[...] Ele pregou que a justiça social vem a ser “uma aberração” no discurso que fez diante de seus seguidores após sua vitória nas eleições primárias (agosto de 2023)” e ainda assim, venceu nas urnas com mais de 56% dos votos, espelhando o avanço conservador mundial (Svampa, 2024, n.p.).

No escopo do negacionismo climático, desde a campanha presidencial, Milei afirmou “[...] que as mudanças climáticas atuais não são consequências da atividade humana e que as empresas deveriam poder poluir os rios à vontade [...]”, o que preocupa Côrtes (2024, n.p.) pelas possíveis consequências ao Brasil, que partilha de uma fronteira com aquele país;

Esse possível descaso de Milei pode impactar a governança das fronteiras hídricas e terrestres da Argentina com Paraguai e Brasil. A implantação de indústrias nas margens da Bacia do Paraná pode poluir, de maneira desmedida, os rios, prejudicar os países que são banhados por eles e, dessa forma, gerar questões diplomáticas.

Logo após sua posse, e com implicações no temário das mudanças climáticas, Milei anunciou

O mega decreto 70/2023, [...] aborda temas nodais como desregulamentação econômica, avanços na reforma do Estado, profunda liberalização das relações de trabalho, comércio exterior, energia, espaço aéreo, justiça, saúde, comunicação, turismo, esportes, alguma mineração (muito mais não pode mais ser modificado nesse campo não regulamentado) e até mesmo o regime automotivo. [...] Centenas de medidas contidas no mega decreto não só beneficiam grandes empresas, esmagando quaisquer direitos sociais, econômicos e ambientais anteriores, mas em certos casos beneficiam “certas” empresas. (Svampa, 2024, n.p.).

Os três, ex administradores e o atual, se aproximam ainda, em cumprimento aos ajustes estatais expostos, no fechamento de instâncias de seus governos responsáveis pelo meio ambiente, exemplificado em Milei no fechamento do Ministério do Meio Ambiente (Colombo, 2024)

Diante do negacionismo climático de Milei, Colombo (2024) elencou e discorreu acerca de uma série de mudanças climáticas que afeta a Argentina, sobretudo nos últimos anos. Para a estudiosa, que apresentou em suas análises uma série de dados quantitativos, o inverno argentino tem tido temperaturas mais amenas, e a geada, dantes frequente nessa estação, já se torna rara. Além disso, em 2023, a Argentina registrou as maiores temperaturas desde que esse serviço passou a ser possível, ainda na década de 1960, com fortes impactos sobre o descongelamento da neve e, portanto, no aumento das precipitações, seguida de inundações e outras tragédias nacionais. E, aproximando as realidades atuais de Brasil e Argentina, com o aumento das temperaturas e das chuvas o aumento da proliferação do mosquito-da-dengue, que, junto as chuvas, tem se configurado uma ameaça a vida, em 2024.

Preocupante ainda, da vasta agenda conservadora prevista pela campanha de Milei, consta investimentos em mineração,

[...] produção de combustíveis fósseis e ampliação da infraestrutura para o transporte de gás natural e petróleo. Além disso, pretende vender Vaca Muerta, segunda maior reserva do mundo de gás e a quarta de petróleo não convencionais, chamados assim porque o combustível fica alojado em pequenos poros de rochas, em vez de em um reservatório (Pacheco, 2024, n.p.)

Um apontamento digno de registro, e que ancora uma possível particularidade à Argentina, diferindo-a de EUA e Brasil, foi cunhado por Kiessling, ao avaliar que

[...] [Milei] está em sintonia com outras figuras da extrema-direita, como [Donald] Trump, nos Estados Unidos, e [Jair] Bolsonaro, no Brasil. Mas creio que a Argentina tem como agravante uma política climática que não está tão institucionalizada como no Brasil e nos Estados Unidos”, comenta. “Não há tantos atores dentro da sociedade civil e do setor privado com uma força importante para potencialmente se opor a medidas que [Milei] queira levar adiante”, completa (Pacheco, 2024, n.p.).

Contudo, o método dialético que nos sustenta, permite analisar que essa correlação de forças é dinâmica, tanto no tocante ao negacionismo climático quanto ao avanço conservador, e que, diferentemente do Brasil, que devido à pandemia da Covid-19 viabilizou que Bolsonaro e os seus passassem a boiada,

pisoteando as políticas e normativas ambientais conquistadas ao longo de décadas, com pouca ou sem nenhuma resistência, pois a luta naquele período era pela manutenção da vida, na Argentina, a população ocupa as ruas e resistido.

Nesse mesmo sentido a ciência da história já nos forneceu elementos da possibilidade dessa resistência, concretizadas em manifestações de cientistas e da população, em diferentes momentos de sua campanha e de seu governo, como sinalizou Silva (2021, p. 287):

Os cientistas reagiram à ofensiva de Trump. Já no primeiro ano de governo em 2017, organizaram a Marcha para a Ciência, denunciando os cortes do orçamento federal para ciência e pesquisa e a posição do governo sobre as questões climáticas. A manifestação ocorreu em várias cidades dos Estados Unidos, como Washington e Nova York, e países como Brasil, Holanda, Suíça, Áustria, França, Alemanha e Austrália.

Por fim, e tão importante quanto as análises aqui cunhadas, e a partir da metodologia da história comparada, entendemos que “[...] a ‘iluminação recíproca’ [...] que se dispõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro [...]”, no caso desse estudo com *locus* constituído por três governos de três diferentes países, que nos permitiu que, tomando a **onda** mundial de avanço conservador, bem como do negacionismo climático, com Donald Trump, fossemos capazes de identificar seu **espraiado** em Jair Bolsonaro e numa tentativa de **ressaca marítima**, com Javier Milei, em curso e a depender da luta entre os interesses hegemônicos do governo e os da maioria da população.

Considerações finais

O objetivo desse estudo foi analisar as posições políticas, conservadoras e negacionistas, conferidas pelo ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e dos atuais presidentes dos Estados Unidos da América/EUA, Donald Trump, e da Argentina, Javier Milei, acerca das questões climáticas de seus respectivos países.

Buscamos evidenciar, com maior ou menor condições argumentativas, como essas políticas conservadoras e negacionistas se expressaram nas gestões de Trump e Bolsonaro e está posta em curso com Milei.

A história comparada, do trio de governabilidades, em três localidades diferentes, nos permitiu identificar que, desde suas campanhas presidenciais, passando pela aplicação de suas agendas, o trio de ex e atual presidente, compuseram, com relevância, a onda conservadora mundial, e em sua particularidade o negacionismo climático.

As aproximações entre essa trinca estão latentes na essência que buscamos desvendar nesse estudo, pois é evidente que as políticas conservadoras e de negacionismo e negacionismo climático tem canalizado tanto maior exploração das forças produtivas, em particular a natureza, em sua diversidade, ainda que esgotável de recursos, mas também nos ajustes da estrutura do Estado em seus investimentos em políticas públicas endereçadas a preservação do meio ambiente, como cortes de investimentos nesse setor ou até mesmo com o fechamento dos Ministérios específicos.

Reconhecendo a historicidade e provisoriedade do conhecimento sinalizamos para a necessidade de maior aprofundamento nesse temário, em especial que possa lançar luzes científicas para uma leitura crítica e fundante de resistência, tanto à onda conservado mundial e ao negacionismo e negacionismo climático, quanto ao trumpismo, bolsonarismo e mileismo- em curso.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. São Paulo, Editora Cortez, 1995.

AGUIAR, C. G. B.; MONTEIRO, P. O.; BATISTA, A. J. NEGACIONISMO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **Revista Ciências Humanas**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2022.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada - um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de história comparada**. v. 1. n. 1. jun. 2007.

BAPTISTA, Rodrigo. Projeto acaba com a reserva florestal obrigatória em propriedades rurais. **Senado notícias**. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/04/23/projeto-acaba-com-a-reserva-florestal-obrigatoria-em-propriedades-rurais>>. Acesso em: 08/04/2025.

BRAZ, Marcelo. O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário. **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 128. São Paulo: jan./abr. 2017, p. 85-103.

CARDOSO, Antônio Sidnei Ribeiro; SOUZA, Raimunda Aurea Dias; REIS, Leandro Cavalcanti. O agro é tech, é pop, é tudo: o (des) velar dessa realidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 71 - Dossiê Agronegócios no Brasil, p. 836-857, abr., 2019.

COLOMBO, Sylvia. **Negacionismo de Javier Milei agrava mudança climática na Argentina**. Publicado em 30/03/2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sylvia-colombo/2024/03/negacionismo-de-javier-milei-agrava-mudanca-climatica-na-argentina.shtml>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CÔRTEZ, Pedro Luiz. **O negacionismo ambiental e as promessas de privatização de Javier Milei**. Publicado em 24/11/2023. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/o-negacionismo-ambiental-e-as-promessas-de-privatizacao-de-javier-milei/>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

Revbea, São Paulo, V. 20, Nº 5: 99-116, 2025.

FRANCISCO, Igor Lapsky. da C. Analisando o pensamento conservador nos Estados Unidos: orientações políticas e aspectos conjunturais da América do Norte no século XXI. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, [S. l.], v. 17, n. 4, p. e6584, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.4-285.

GUSSEN, Ana Flávia. **Com Salles, governo assinou em um ano 721 medidas que impactam o meio ambiente**. Um levantamento obtido com exclusividade por 'CartaCapital' detalha os efeitos catastróficos da interferência do ministro. Publicado em: 02 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/ricardo-salles-assinou-721-medidas-contra-o-meio-ambiente-em-apenas-um/>>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MIGUEL, Jean Carlos Hochsprung. A “meada” do negacionismo climático e o impedimento da governamentalização ambiental no Brasil. **Revista Sociedade e Estado** – v. 37, n. 1, janeiro/abril 2022.

PACHECO, Priscila. **Argentina vai às urnas com negacionista como favorito**. Publicado em 22 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.oc.eco.br/argentina-vai-as-urnas-com-negacionista-como-favorito/>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

REIS, Guilherme; DANTAS, Humberto. **Um ano de Temer, guinada conservadora que se apoia no alinhamento do Congresso**: Humberto Dantas e Guilherme Reis analisam a gestão que assumiu o poder após impeachment. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/11/politica/1494531783_848435.html>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SHIRTS, Matthew. **Donald Trump: o vilão do clima**. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/revista/donald-trump-o-vilao-do-clima>>. Acesso em: 08 jun. 2024.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013. **Classes e ideologias cruzadas. Novos Estudos**. Cebrap, 97, nov., 2013. pp. 23-40.

SILVA, Edna Aparecida Da. TRUMP DO NEGACIONISMO CLIMÁTICO À OPERAÇÃO WARP SPEED: CRISE, MOBILIZAÇÕES E A POLITIZAÇÃO DA VACINA NOS ESTADOS UNIDOS. **Revista Tempo do Mundo**, n. 26, p. 281-312, 5 out. 2021.

SILVA, Elizandra Garcia da; CASTRO, Alice Viveiros de. Circo da Democracia: de lonas abertas para a arte e a resistência! **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 46, p. 1–24, 2023.

SILVA, Elizandra Garcia; PENNA, Adriana; REBELATTO, Franciele. **O que pode o corpo? O corpo pode lutar!** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/13735/6955>>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

SILVA, Elizandra Garcia da; SILVA, Tatiane Garcia da; MELO, Marcelo Paula de; RAMIRO, Caio Henrique Lopes; MOURÃO, Arminda Rachel Botelho. A exploração do capital na Amazônia e a abordagem da Educação Ambiental nos documentos curriculares nacionais. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 17, n. 2, p. 25–44, 2022.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira Da. (org.). **Dicionário Crítico do pensamento da direita**: ideias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: Campus, MAUAD, 2000.

SVAMPA, Maristela. **A Argentina de Javier Milei**. Publicado em 07 de fevereiro de 2024. Disponível em: <<https://necat.ufsc.br/a-argentina-de-javier-milei/>>. Acesso em: 18 jun. 2024.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. 2ª ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.